

Helena Boschi* – FANJUL, A. P.; GONZÁLEZ, N. M. (orgs.) *Espanhol e português brasileiro: estudos comparados*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

Fanjul e González, ambos professores da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP), são pesquisadores já renomados nos estudos comparativos entre o português brasileiro e o espanhol e na aquisição/aprendizagem de línguas estrangeiras, com diversas publicações nessas áreas. Neste livro, além de reunir trabalhos próprios e de outros professores, indicam também, ao final, publicações recentes diversas sobre o tema, dando assim um panorama amplo da área para aqueles que se interessam no estudo detalhado e científico de construções linguísticas das duas línguas em questão.

Os textos, distribuídos em três partes (“A função pronominal”, “A determinação” e “Em torno do verbo: papéis e argumentos”), são escritos por professores habituados a atravessar as fronteiras das duas línguas em seu dia a dia, seja por serem falantes nativos de espanhol que hoje lecionam no Brasil, por serem brasileiros professores de língua espanhola ou por serem professores de português brasileiro no exterior. Sua longa trajetória no ensino e suas vivências em sala de aula enriquecem os exemplos trazidos e as análises realizadas, e a organização em áreas de maior “atrito” linguístico dá ao leitor uma visão geral dos lugares de aproximação e, principalmente, de afastamento entre o português brasileiro (PB) e o espanhol (E), suscitando uma sensibilização a formas linguísticas específicas de uma e de outra língua, bem como seus contextos de utilização e a produção de sentidos decorrente de “deslizes” comuns entre falantes que as vivenciam como língua estrangeira.

Os organizadores iniciam o livro com uma provocação interessante acerca dos imaginários socialmente estabelecidos sobre o aprendizado do espanhol pelos falantes de português brasileiro, tido como uma língua “fácil” porque supostamente muito próxima à sua língua materna. Partindo da análise de uma publicidade que traduz literalmente a pergunta “O que faz você feliz” por “¿Que hace usted feliz?”, os pesquisadores dão o pontapé inicial para uma série de questões que tangem a abordagem comparativa/contrastiva de línguas que perpassarão toda a obra. Dividindo a apresentação em cinco partes, constroem a base teórica e o histórico acadêmico em que se assentam os artigos da coletânea:

1. o saber como construção que depende da assunção de um “posto particular de observação”, com foco nas representações hegemônicas das línguas em contextos

* Universidade Federal de São Carlos (UFSC), São Carlos (SP), Brasil. helenaboschi@gmail.com

- variados, nas políticas linguísticas que daí emergem e nos atritos decorrentes de pesquisas que desestabilizam esses imaginários;
2. o ensino do espanhol tido historicamente como secundário e desprovido de reflexões linguísticas, com a “pressuposição de seu conhecimento” (CELADA; GONZÁLEZ, 2005 *apud* FANJUL; GONZÁLEZ, 2014), até meados da década de 80, quando, com o aumento das relações econômicas, da mobilidade das pessoas e com o fim das ditaduras no Cone Sul, a “integração regional” passa a impulsionar pesquisas sobre o português brasileiro (PB) de cunho sociolinguístico e gerativista, mudando os parâmetros tradicionais de percepção da língua espanhola;
 3. a vinda de pesquisadores de países vizinhos para o Brasil a partir das mudanças mencionadas acima, com conseqüente aumento de pesquisas sobre proximidades e distanciamentos entre as duas línguas e suas decorrência no ensino e na aprendizagem;
 4. a revisão de imaginários construídos sobre as duas línguas, especialmente sobre questões de “norma padrão” e homogeneização (ou melhor, “minimização da heterogeneidade da língua” (FANJUL; GONZÁLEZ, 2014, p.19)), promovidas, em grande medida, por instituições nacionalistas de difusão linguística-cultural como o Instituto Cervantes e a Real Academia Española (RAE);
 5. e, principalmente, a adoção do princípio metodológico da comparação ou contraste de funcionamento, que privilegia a perspectiva da língua em uso (ainda que a partir de teorias diversas da linguística), em detrimento dos inventários de formas tradicionalmente expostos nos instrumentos linguísticos¹.

Para uma melhor organização desta resenha, dividimos o texto em três partes, tais como no dispostas no livro, a fim de facilitar a leitura e a localização de cada capítulo.

PARTE I – A FUNÇÃO PRONOMINAL

No capítulo 1, Adrián Fanjul (2014a) trata dos pronomes pessoais em português brasileiro (PB) e em espanhol (E) a partir da premissa das *assimetrias*, às quais o leitor é sensibilizado por meio do contraste entre um trecho original de

1. Nesse ponto, os organizadores explicitam e justificam seu afastamento do que se estabeleceu como “análise contrastiva” (AC) na linguística aplicada, muitas vezes, em sua vertente forte, apegada mais à “língua imaginária” do que à “língua fluida” (conceitos de Orlandi (2002)), fazendo uma retomada breve dos estudos a esse respeito até chegar na abordagem discursiva que adotam (cf. FANJUL; GONZÁLEZ, 2014, p.21).

um romance da Clarice Lispector e sua tradução em espanhol. Nele, são patentes as diferenças de uso de pronomes sujeito (abundantes em PB e escassos em E) e de pronomes objeto (inversamente, escassos em PB e abundantes em E), que o pesquisador destrincha habilmente transitando entre parâmetros da gramática tradicional, da gramática funcional (NEVES, 2006) e, mais especificamente, da abordagem cognitiva (CHAFE, 1994).

Por ser falante nativo de espanhol e ter já traçado um longo percurso na língua brasileira, Fanjul consegue, a partir de estudos já consagrados (GONZÁLEZ, 1994) e de suas próprias considerações, explorar nuances de sentido produzidas a partir de funcionamentos específicos dos pronomes que passam despercebidas a quem não tem o conhecimento metalinguístico das línguas em comparação. Como afirmado ainda na introdução do livro, parafraseando Revuz (1998), esse desconhecimento “(...) pode levar a verdadeiras conversas de surdos, nas quais não se sabe o suficiente para saber que não se sabe e, acrescentaríamos, para saber o que não se sabe” (FANJUL; GONZÁLEZ, 2014, p.10). O autor mostra, então, de forma bastante didática, *assimetrias* diversas que podem gerar desentendimentos se não forem compreendidas em suas especificidades. De forma mais detida, trabalha a função de contraste (mudança do centro de interesse) exercida pelos pronomes sujeito em espanhol, e as diferenças que esse funcionamento tem em relação ao português brasileiro, no qual sua repetição sem novas informações para a progressão discursiva é bastante comum, além dos usos opcionais e obrigatórios dos pronomes objeto (diretos e indiretos) nas duas línguas, dos casos de duplicação desses em espanhol e de “outras construções pronominais em assimetria” (subtítulo do tópico 4), como as formas reflexivas, as expressões inacusativas, as construções com “participantes humanos não ativos” afetados por um processo e formas impessoais. No encerramento do texto, explica, ainda, as diferentes possibilidades oferecidas pelas duas línguas para a não focalização do agente na construção frasal, por meio da voz passiva sintática, no PB, e de uma terceira pessoa generalizadora ou de um OD topicalizado no E.

No segundo capítulo, Carlos Donato Petrolini Junior faz um apanhado conciso da “Colocação dos pronomes clíticos” em espanhol e em português brasileiro, conforme proposto no título do artigo. A metodologia que segue difere da do capítulo anterior na medida em que separa os exemplos – aqui, composto mais de frases soltas do que o anterior, que se valeu, na maior parte, do trecho literário – e a descrição de cada uma das línguas em subcapítulos diferentes, não havendo uma disposição que possibilite o cotejo lado a lado, o que implica um outro modo de leitura, dependente de idas e voltas para retomadas e comparações. A tecnicidade

desse texto é, também, mais acentuada que a do anterior, tornando-o menos acessível para um público não especializado. Trata-se, por isso, de um compêndio objetivo de regras descritivas de funcionamento da colocação pronominal, útil para sanar dúvidas específicas de professores ou alunos de Letras/Linguística acerca das línguas em questão (quando utilizar próclise, quando utilizar ênclise, em que posição alocar os clíticos em cada situação, etc.), mas com poucas considerações acerca de efeitos de sentido produzidos pelos “desvios” comuns presentes na interlíngua de aprendizes e de diferenças regionais que condicionam a ausência ou a predominância de usos específicos no PB (cf. BAGNO, 2012). A esse respeito, precisa ser lido como complementar ao primeiro capítulo, pois alguns dos usos descritos, em especial o dos clíticos de 3ª pessoa, são cada vez menos utilizados (o que é afirmado pelo autor) e substituídos por um vazio ou por uma forma tônica de nominativo (fenômeno que Fanjul (2014a, p.41) aponta, mas que não é citado no texto de Petrolini Junior).

O terceiro e último artigo sobre a função pronominal é escrito por Neide Maia González e Isabel Contro Castaldo com base, principalmente, na tese da primeira autora, de 1994, e na dissertação da segunda, de 2014. Revisitando trabalhos de Tarallo (1993a e 1993b) já discutidos na tese de González (1994), as autoras expõem algumas mudanças significativas no PB que direcionam a análise comparativa com o espanhol segundo a perspectiva da “*inversa assimetria*” que já estava presente no capítulo 1 e que perpassa todo o livro. Essa ideia da “*inversão*” parece ter sua origem em uma contestação de Tarallo sobre a descrioulização do português proposta por Guy (1981): em passagem triplamente citada pelas autoras em momentos distintos do texto, para que isso ocorresse, segundo ele, “o PB teria que se virar do *avesso* e de ponta-cabeça” (GONZALEZ; CASTALDO, 2014, p.80)².

De forma parecida, as mudanças que tornam o PB diferente do PE, segundo Tarallo (2003a, 2003b *apud* GONZALEZ; CASTALDO, 2014), caracterizam para as autoras também lugares de distanciamento em relação ao espanhol. Dentre essas alterações, focam, em especial, duas que se inter-relacionam: a *pronominalização* (a consolidação do objeto nulo em PB e a preferência por sua “*duplicação*” em espanhol) e a *relativização* (especialmente nas estruturas denominadas por Tarallo

2. Essa questão da crioulização/descrioulização foi, posteriormente, discutida por vários pesquisadores. Até onde pudemos constatar, a hipótese subjacente ao trabalho de Tarallo, qual seja, de que a descrioulização do PB significaria necessariamente seu retorno ao PE, não se sustenta (cf. MARTINS, 2013). No entanto, as autoras não entram em pormenores sobre essa polêmica, utilizando o artigo em questão somente para mostrar o patente afastamento do PB em relação ao PE na questão tratada.

como “relativas cortadoras”³, preferidas no PB, e nas relativas de pronome pleonástico ou *reasuntivo*, as mais comuns no espanhol).

Sem entrar mais aprofundadamente em questões polêmicas que tocam essa questão da existência ou não da “duplicação” dos pronomes em espanhol, a conclusão a que chegam as autoras, ao rever o posicionamento adotado em 1994 por González em sua tese acerca dessa inversa assimetria nas construções relativas, é que se trata, de fato, de caminhos linguísticos que se cruzam em alguns pontos, registrando hoje a possibilidade de construções relativas parecidas, mas que seguem direções diferentes, o que se comprova pela diferente distribuição dos usos em cada língua e pela conseqüente avaliação de adequação ou inadequação feita pelos falantes acerca de cada uma delas.

PARTE II – A DETERMINAÇÃO

A parte dois do livro se inicia por um artigo de Gisele Souza Moreira cujo título é “As séries de demonstrativos: mais assimetrias”. Como se vê, suas análises seguem a proposta da tese da *inversa assimetria* também no que tange aos demonstrativos em PB e E, e mostram que, assim como as relativas, apresentam similaridades em sua superfície linguística, mas contextos de uso bastante diferentes.

Após uma breve introdução sobre sua função como referenciadores (NEVES, 2000), são apresentadas as três séries de demonstrativos nas duas línguas:

como está organizado o paradigma dos demonstrativos nas duas línguas.

A classe dos demonstrativos está composta por três séries tanto em PB quanto em E, e em cada uma dessas séries encontramos o singular e o plural das formas do masculino e feminino e uma forma neutra:

	PORTUGUÊS						ESPAANHOL			
	Singular		Plural		Neutro	Singular		Plural		Neutro
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.		Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	
1ª série	este	esta	estes	estas	isto	este	esta	estos	estas	esto
2ª série	esse	essa	esses	essas	isso	ese	esa	esos	esas	eso
3ª série	aquela	aquela	aqueles	aqueles	aquilo	aquel	aquella	aquellos	aquellas	aquello

Tabela 1: Classes dos demonstrativos – em PB e em E.

Tradicionalmente, afirma-se que no campo da primeira série está tudo o que se relaciona com quem enuncia e o tempo e espaço nos quais esse locutor está inserido; a segunda série refere-se ao domínio da pessoa com quem se fala; e a terceira, a tudo o que não está nem no domínio da 1ª

Figura 1: Tabela de séries de demonstrativos conforme a autora (MOREIRA, 2014, p.99).

Recuperando a origem latina dos pronomes e sua função conforme proposições tradicionais, Moreira traça um percurso de mudanças que desemboca

3. Estas ocorrem “quando o SN relativizado é objeto de preposição; tanto a preposição governante quanto o SN relativizado estão ausentes (...); [e] um complementizador QUE, e não um pronome relativo, segundo o autor, encabeça a relativa” (GONZALEZ; CASTALDO, 2014:81), como na construção dada como exemplo: “E um deles foi esse fulano que eu nunca tive aula”.

no abandono de certas formas e no uso de um mesmo pronome para funções diferentes em ambas as línguas. Segundo ela (2014, p.99), "(...) cada língua estaria abandonando uma série diferente: no caso do E, teríamos uma substituição de *aquel* por *ese*, *e*, no caso do PB, uma substituição de 'este' por 'esse'". Essa afirmação é feita não só a partir de dados de gramáticas tradicionais, cujas posições são criticadas por ela, e estudos descritivos realizados por linguistas, mas também por coletas feitas pela pesquisadora a partir de programas de rádio de quatro emissoras de países diferentes, Madri, Buenos Aires, São Paulo e Salvador.

Depois de transcrever trechos dos áudios coletados e analisar a distribuição dos usos dos pronomes, Moreira conclui que a segunda série é a que mais põe problemas para os aprendizes das línguas em questão, uma vez que pode causar confusões que extrapolam a avaliação de formalidade ou de monitoramento linguístico, interferindo na percepção referencial da interlocução. Defende, portanto, que o ensino paute a diferenciação das séries em suas especificidades, de modo que esses desencontros provocados pela proximidade da superfície linguística sejam evitados.

O outro capítulo que compõe a segunda parte do livro é o "Ausência de determinante: referência genérica *vs.* referência específica", de Neide Maia González, que além de organizadora é também coautora do capítulo 3, como vimos. Retirando o mote inicial da questão trabalhada de um anúncio de praia, a pesquisadora mostra habilmente, por meio de frases com correspondente tradução em PB e E, as restrições e as possibilidades da determinação nas duas línguas via artigos em especial, mas com implicações também em concordâncias morfossintáticas de singular ou plural nos verbos e no uso de pronomes, com posicionamentos ideológicos decorrentes – inclusão ou exclusão de si no que se enuncia, aproximação ou distanciamento do que se afirma. Um dos exemplos dados (GONZÁLEZ, 2014, p.128), nesse caso, é o título de um artigo de Gilberto Dimenstein, que pergunta: 'Dá para confiar em brasileiro?' (Folha de S.Paulo, 31/07/2005), "esquecendo" que ele mesmo é brasileiro também.

Além das considerações acima, é muito interessante nesse texto a amostragem de produções de alunos de espanhol como língua estrangeira (marcadas pela abreviação (E/LE)), que materializa a forma como o funcionamento da língua materna pode incidir sobre a língua estrangeira no aspecto específico abordado. Assim ocorre, por exemplo, nos seguintes enunciados (GONZÁLEZ, 2014, p.119):

Me encantan las aceitunas.

Eu adoro azeitona/azeitonas ≠ Eu adoro as azeitonas (verdes, pretas, etc.).

Me encanta aceituna. (E/LE)

Os exemplos ajudam a compreender esses processos de especificação e de generalização em PB e em E, expostos em uma reflexão gramatical de cunho descritivo e comparativo. Trata-se, portanto, de um material excelente para alunos e professores não só de E/LE, mas também de PB/LE, na direção de entender e detectar “as marcas produzidas pela fricção dessas duas línguas” (GONZÁLEZ, 2014, p.129).

PARTE III – EM TORNO DO VERBO: PAPÉIS E ARGUMENTOS

“As formas passivas” é o artigo que inicia a terceira parte do livro, escrito por Benivaldo José de Araújo Júnior. Nele, é feita uma retomada sobre a construção passiva do ponto de vista tradicional, que as separa em “passiva perifrástica (ou analítica)” e “passiva pronominal” e propõe explicações a partir das categorias tradicionais de “agente” x “paciente” e “transitividade”, consideradas inadequadas em algumas situações abordadas pelo pesquisador.

Segundo ele, essas explicações não dão conta de casos específicos, como, por exemplo, “A polícia é temida pelos manifestantes / *La policía es temida por los manifestantes*”, em que “manifestantes” teria tradicionalmente a função de agente, embora semanticamente seja mais adequada a de experienciador (Cançado *apud* ARAÚJO JR., 2014, p.135), ou “A violência preocupa o governo” / *La violencia preocupa al gobierno*” (ARAÚJO JR., 2014, p.140), que, embora transitivas, são construções com verbos psicológicos que não admitem a passiva. Além disso, deixam de fora outros tipos possíveis de oração, como as *passivas lexicais* (com valor de adjetivo, como em “A lei, aprovada em 2005, ainda não teve os efeitos esperados” (ARAÚJO JR., 2014, p.141), também possível em E), que inclusive superam as perifrásticas em número de ocorrência (Moino, 1989 *apud* ARAÚJO JR., 2014), construções de participio absoluto e de infinitivo com sentido passivo, sendo estas últimas passíveis subcategorias conforme a função exercida pelo infinitivo. Propõe, então, uma outra classificação das passivas a partir dessas considerações e dos exemplos mostrados, e que é válida tanto para o PB quanto para o E (cf. ARAÚJO JR., 2014, p.143-144).

Araújo Jr. mostra também que, ainda que haja esse amplo espectro de possibilidades de construção frasal passiva nas duas línguas⁴, ambas preferem a forma ativa com alto índice de diferença entre a ativa: mais de 90% das construções em

4. Antes de mostrar dados acerca da frequência de uso de cada construção em PB e E, o autor faz ainda uma ressalva em relação às construções com a partícula “se”, objeto de controvérsias desde o início do século XX e considerada por alguns linguistas não mais como índice de passiva, mas sim marcador da função nominativa (cf.: Bagno 2000).

ambas as línguas são ativas. No entanto, o tipo de passiva predominante nos casos em que essa forma ocorre diferem entre elas: em números absolutos (desconsiderando, portanto, os gêneros em que ocorrem, como ressalva o autor), o PB privilegia as ativas de particípio, enquanto o E utiliza mais as passivas pronominais (Duarte, 1990 *apud* ARAÚJO JR., 2014, p. 146). Outro ponto em comum é o fato de que ambas as línguas tendem a privilegiar o paciente e a suprimir o agente da passiva; quando este aparece, normalmente possui o traço [+humano] e “grau elevado de participação voluntária na ação/ processo, (...) entidades representadas no discurso como participando com alguma intenção naquilo que se narra ou descreve” (ARAÚJO JR., 2014, p.152). Inversamente, o paciente costuma possuir o traço [- humano] em grande parte das produções, embora uma pesquisa tenha mostrado prevalência do traço [+humano] em produções orais do PB, o que sugere um condicionamento pelos gêneros em que estas se inscrevem e aponta uma brecha possível de pesquisas futuras⁵.

Como se pode verificar pela amplitude e profundidade dada ao tema, a questão das passivas tal como abordada em materiais didáticos tradicionais é absolutamente insuficiente para explicar os fenômenos linguísticos em PB e E, e o texto de Araújo Jr. (2014) é uma importante contribuição no preenchimento dessa lacuna.

O sétimo capítulo é o segundo texto escrito por Fanjul (2014b) nesse livro, e tem a mesma tônica discursiva do primeiro na interpretação dos fenômenos linguísticos. Trata de forma bastante elucidativa das relações de “Posse, domínio, apresentação, existência” (o título do trabalho) estabelecidas pelos verbos *ter/tener*, *haver/haber* e *estar/estar* em construções variadas, desde sua mobilização em tempos compostos, rapidamente abordada, até o detalhamento de suas restrições de uso de acordo com outros componentes frasais e enunciativos (como, por exemplo, a presença ou ausência de determinantes no sintagma nominal, que podem se relacionar diretamente a construções imaginários dos objetos).

Fanjul consegue mostrar como as interpretações dadas por manuais tradicionais são frequentemente insuficientes (embora bastante amplas, no caso específico da gramática da RAE, citada por ele). Em muitos materiais didáticos tradicionais, por exemplo, é comum encontrarmos uma explicação da diferença pautada no critério de “estado permanente” x “estado temporário” para o uso dos verbos “ter/haver (no sentido existencial)/estar”, o que não explica o porquê de construções que são trazidas e aclaradas pelo autor, como “Na próxima interseção

5. Essa supressão leva ao que Duarte (*apud* Araújo Jr. 2014: 155) denomina *detematização do agente*, função primordial da passiva, e, secundariamente, à *tematização do paciente* e *focalização do paciente* por diferentes estratégias, ponto em que as línguas trilham diferentes caminhos.

onde há o pilar grande no meio, siga pelo caminho ao sul" (FANJUL, 2014b, p.174) e "*Del lado derecho están el bígado y la vesícula*" (FANJUL, 2014b, p.179). Materiais comerciais comuns em escolas de idiomas também não dão conta, muitas vezes, de dúvidas que alunos hispanohablantes de PB/LE têm a respeito do verbo "ter", às vezes impessoal, às vezes indicador de posse, cujo funcionamento o pesquisador consegue mostrar didaticamente. Ficam claros, além disso, os motivos pelos quais exercícios de preenchimento de verbos com frases descontextualizadas são inadequados (como o pesquisador sutilmente aponta), uma vez que a produção do significado muitas vezes se dá na relação argumentativa que se estabelece na enunciação, dependendo, portanto, do contexto em que é produzida.

Assim, por dar conta de uma série de questões sobre esses "desencontros" nas duas línguas de modo descritivo e claro, o texto de Fanjul (2014b) colabora ao mesmo tempo para preencher uma lacuna no ensino comparativo de PB/E e para apontar possibilidades de pesquisa, como assinala em suas considerações finais.

O último capítulo, escrito por Olga Regueira e Carlos R. Luis, trata da "frase imperativa citada" (FCI) em PB, com foco nas orações construídas com infinitivo na subordinada (como em "ele disse para eu trabalhar", primeiro subtítulo do texto), objeto de muitas dúvidas para alunos estrangeiros e de grande dificuldade mesmo para pessoas com conhecimento mais avançado da língua. Para isso, revisitam estudos descritivos dessa construção no PB (como RAMOS, 1989 – não referenciado ao final da obra, infelizmente –, POSSENTI, 2002 e BAGNO, 2012), trabalham com o funcionamento dos verbos "mandar", "pedir" e "dizer/falar" em suas características específicas e assumem sua própria posição gramatical a respeito dessa estrutura: mantendo o "para" com o estatuto de preposição, seguindo a tradição gramatical brasileira, sinalizam a existência de uma "fronteira lábil" no interior da oração, o que leva à existência de uma "dupla função do segmento intermediário entre a preposição e o infinitivo" (REGUEIRA, LUIS, 2014, p.188), que pode ser de complemento da preposição (CP) ou de agente do infinitivo. Essa categorização explica, por exemplo, construções como "para mim fazer" (POSSENTI, 2002, p.76 *apud* REGUEIRA, LUIS, 2014, p.188), em que o regime dativo do complemento se sobrepõe à função nominativa do agente de infinitivo, o que se materializa no pronome utilizado.

Sendo as próprias autoras falantes nativas de espanhol, é interessante notar sua inquietação com relação a essa estrutura, além de influências pontuais do espanhol no próprio texto, o que reitera sua afirmação sobre a subjetividade na língua. Segundo elas (cf. REGUEIRA, LUIS, 2014, p.194), tentar impor "maneiras únicas de dizer" é assumir um posicionamento normativo que inibe variações

marcadas, necessariamente, pelo estilo e também pelos percursos do sujeito que fala. Estendendo esse posicionamento contra abordagens puristas dos fenômenos linguageiros ao ensino, o texto acaba sendo uma reflexão e uma materialização em sua própria escrita não só sobre a “fronteira lábil” no interior das orações, mas também sobre as fronteiras “lábeis” entre o que seja um português brasileiro ou um espanhol “puros”, presos à imaterialidade das normas, ou línguas vivas, faladas e escritas por nativos e não nativos, por pessoas com maior ou menor conhecimento metalinguístico, e, portanto, marcadas pela diversidade e pela subjetividade daqueles que por meio delas enunciam e se constituem como sujeitos, numa via de mão dupla.

A título de encerramento, cabe dizer que no livro como um todo o foco está mais na aquisição do espanhol por falantes de PB do que o inverso, o que já estava indicado no texto da contracapa da obra: “(...) o estudo do espanhol mostra-se, então, absolutamente indispensável para fugir dos arremedos que vemos cotidianamente quando brasileiros fazem de conta que falam essa língua” (FANJUL; GONZALEZ, 2014, s/p). Essa ênfase se materializa em momentos diversos – por exemplo, na exposição de construções agramaticais típicas de falantes de português brasileiro que têm o espanhol como segunda língua na colocação pronominal com formas verbais simples (PETROLINI JR, 2014, p.53) e na ausência de produções agramaticais características de falantes de espanhol na seção dedicada à descrição do PB. Fica um pouco em suspenso, assim, a questão inversa: em se tratando de uma obra de comparação entre as duas línguas e sendo conhecida a dificuldade apresentada também por falantes de espanhol ao adquirir o português (ou, como dito sobre o E, ao “fazer de conta que falam português”), seria interessante mostrar e explorar também produções de PB/LE, bem como assinalar que, do mesmo modo que o E, o estudo do funcionamento dessa língua brasileira é também indispensável na construção da integração latinoamericana. Os trabalhos apresentados no livro apontam diversos caminhos possíveis de pesquisas para esse estudo mútuo das duas línguas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO JR. (2014). As formas passivas. In: FANJUL, A. P.; GONZÁLEZ, N. M. (orgs.) *Espanhol e português brasileiro: estudos comparados*. São Paulo: Parábola Editorial.
- BAGNO, M. (2012). *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola.

- CELADA, M. T.; GONZÁLEZ, N. M. (2005). El español en Brasil: un intento de captar el orden de la experiencia. In: Sedycias, J. (Org.) *O ensino do espanhol no Brasil: passado, presente e futuro*. São Paulo: Parábola
- CHAFE, W. (1994). *Discourse, consciousness and time. The flow and displacement of conscious experience in speaking and writing*. Chicago: The University of Chicago Press.
- FANJUL, A. P.; GONZÁLEZ, N. M. (2014). Apresentação. In: ____ (orgs.) (2014). *Espanhol e português brasileiro: estudos comparados*. São Paulo: Parábola Editorial.
- FANJUL, A. P. (2014a). Conhecendo assimetrias: a ocorrência de pronomes pessoais. In: FANJUL, A. P.; GONZÁLEZ, N. M. (orgs.) *Espanhol e português brasileiro: estudos comparados*. São Paulo: Parábola Editorial.
- FANJUL, A. P. (2014b). Posse, domínio, apresentação, existência. In: FANJUL, A. P.; GONZÁLEZ, N. M. (orgs.) *Espanhol e português brasileiro: estudos comparados*. São Paulo: Parábola Editorial.
- GONZÁLEZ, N.T.M. (1994). *Cadê o pronome? O gato comeu. Os pronomes pessoais na aquisição/aprendizagem do espanhol por brasileiros adultos*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo.
- GONZÁLEZ, N.T.M. (2014). Ausência de determinante: referência genérica vs. referência específica. In: FANJUL, A. P.; GONZÁLEZ, N. M. (orgs.) *Espanhol e português brasileiro: estudos comparados*. São Paulo: Parábola Editorial.
- GONZÁLEZ, N. M.; CASTALDO, I. C. As construções relativas: parte das inversas assimetrias? In: FANJUL, A. P.; GONZÁLEZ, N. M. (orgs.) *Espanhol e português brasileiro: estudos comparados*. São Paulo: Parábola Editorial.
- GUY, G. (1981). *Linguistic variation in brazilian Portuguese. Aspects of the phonology, syntax and language history*. Tese de doutorado. Pennsylvania University.
- MARTINS, J. (2013). Aspectos Epistemológicos das Teorias Sobre a Formação do Português Brasileiro. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/107129/318497.pdf?sequence=1>. Acesso em 17 de julho de 2016.
- MOREIRA, G. S. (2014). As séries de demonstrativos: mais assimetrias. In: FANJUL, A. P.; GONZÁLEZ, N. M. (orgs.) *Espanhol e português brasileiro: estudos comparados*. São Paulo: Parábola Editorial.

- NEVES, M. H. M. (2000). *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP.
- NEVES, M. H. M. (2006). *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto.
- PETROLINI JR. (2014). Colocação dos pronomes clíticos. In: FANJUL, A. P.; GONZÁLEZ, N. M. (orgs.) *Espanhol e português brasileiro: estudos comparados*. São Paulo: Parábola Editorial
- POSSENTI, S. (2002). *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado de Letras.
- REGUEIRA, O.; LUIS, C. R. (2014). A frase imperativa citada. In: FANJUL, A. P.; GONZÁLEZ, N. M. (orgs.) *Espanhol e português brasileiro: estudos comparados*. São Paulo: Parábola Editorial.
- REVUZ, C. (1998). A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Língua(gem) e identidade*. São Paulo: Mercado de Letras. pp.213-230.
- TARALLO, F. (1993a) Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias. In: ROBERTS, I. & KATO, M. (orgs.) *Português Brasileiro – uma Viagem Diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp: pp. 35-68.
- TARALLO, F. (1993b). Diagnosticando uma gramática brasileira: O português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, I. & KATO, M. (orgs.) *Português Brasileiro – uma Viagem Diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp: pp. 69-106.

Recebido: 02/01/2017

Aceito: 05/11/2017